

#192

Ana Hatherly e o Barroco Exposição de Almada no Porto Lorenzo Viotti novo maestro titular



FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN



—
novembro

Neste número



LORENZO VIOTTI © MÁRCIA LESSA

4

Um novo maestro para a Orquestra Gulbenkian

A música acompanha-o desde que nasceu. Lorenzo Viotti tem 27 anos, um nome prestigiado na direção de orquestra e será o próximo maestro titular da Orquestra Gulbenkian. Na entrevista que publicamos fala do seu novo desafio e das paixões que alimenta além da música: o *surf* e as viagens.

8

Almada no Museu Soares dos Reis

José de Almada Negreiros. Desenho em movimento é o título da exposição que abre ao público a 29 de novembro no Museu Soares dos Reis, no Porto. Uma colaboração da Fundação Gulbenkian com o museu português, numa nova mostra dedicada ao artista impar do modernismo português.



RAQUEL ANDRÉ © MÁRCIA LESSA



ASPETO DA EXPOSIÇÃO © CARLOS AZEVEDO

10

Ana Hatherly e o Barroco

Paulo Pires do Vale diz que esta exposição se dirige “aos sentidos para antigir o coração dos visitantes”. O curador apresenta a mostra que propõe um diálogo singular entre obras barrocas do século XVIII e o trabalho de Ana Hatherly, artista plástica, escritora, ensaísta, poeta, realizadora, tradutora e compositora, mas também professora catedrática de Literatura Barroca.

16

Colecionar o não colecionável

Raquel André é formada em Teatro e “coleccionadora de pessoas”. A bolsa da Fundação Gulbenkian apresenta os seus projetos *Colecção de Amantes* e *Colecção de Coleccionadores* no Teatro Nacional D. Maria II, entre 2 e 22 deste mês, num trabalho em que gosta de realçar que “todos os nossos objetos têm uma pequena narrativa que em conjunto contam a nossa história”.

Índice



18

Novas perspetivas para a Inovação Social

Este vai ser o tema da grande conferência que, a 27 e 28 deste mês, reúne empreendedores sociais, representantes da sociedade civil, decisores regionais e nacionais, filantropos, investidores de capital de risco e *business angels*. Uma organização conjunta da Comissão Europeia, Governo português e Fundação Calouste Gulbenkian para discutir o futuro da inovação social na Europa.

Música	4	Lorenzo Viotti
---------------	----------	----------------

Arte	8	Almada no Museu Soares dos Reis
	9	Do Outro Lado do Espelho
	10	Ana Hatherly e o Barroco
	14	Exposição de um sonho
	16	Coleccionar o não colecionável

Notícias	18	Novas perspetivas para a inovação social
	20	Prémio Branquinho da Fonseca
	20	ECHO promove jovens músicos com apoio da Europa Criativa
	21	Células imunes controlam neurónios responsáveis pela perda de gordura
	22	Stop Infecção Hospitalar! Um exemplo mundial de boas práticas
	22	A Ciência é o teu futuro?
	23	Consórcio europeu aposta na biotecnologia verde

Aconteceu	24	O valor dos Oceanos
	25	Aprender com a Arte e a Tecnologia

Ambientes	34	O Monstro no Labirinto
------------------	-----------	------------------------

A FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN É UMA INSTITUIÇÃO PORTUGUESA DE DIREITO PRIVADO E UTILIDADE PÚBLICA, CUJOS FINS ESTATUTÁRIOS SÃO A ARTE, A BENEFICÊNCIA, A CIÊNCIA E A EDUCAÇÃO. CRIADA POR DISPOSIÇÃO TESTAMENTÁRIA DE CALOUSTE SARKIS GULBENKIAN, OS SEUS ESTATUTOS FORAM APROVADOS PELO ESTADO PORTUGUÊS A 18 DE JULHO DE 1956.

#192 — NOVEMBRO 2017 / ISSN 0873-5980 / ESTA NEWSLETTER É UMA EDIÇÃO DO SERVIÇO DE COMUNICAÇÃO / DESIGN E DIREÇÃO CRIATIVA — THE DESIGNERS REPUBLIC — IAN ANDERSON / DESIGN GRÁFICO — DDLX / REVISÃO DE TEXTO — RITA VEIGA / CAPA — ANA HATHERLY, A ROMÁ, 1971 / IMPRESSÃO — CRECA ARTES GRÁFICAS / TIRAGEM — 9 000 EXEMPLARES / AV. DE BERNA, 45, 1067-001 LISBOA / TEL. 21 782 30 00 / INFO@GULBENKIAN.PT / GULBENKIAN.PT

Lorenzo Viotti

Um novo maestro para a Orquestra Gulbenkian

O maestro franco-suíço Lorenzo Viotti será o próximo maestro titular da Orquestra Gulbenkian a partir da temporada 18/19. Até lá desempenhará funções como maestro titular indigitado, dirigindo dois programas em 2018.

Ao longo dos seus três anos de contrato, com opção de renovação, Viotti desenvolverá o perfil artístico da orquestra apresentando um repertório desde o período clássico até aos nossos dias e concretizando também projetos com o Coro Gulbenkian.

Lorenzo Viotti apresentou-se com a Orquestra Gulbenkian pela primeira vez em janeiro deste ano, dirigindo um programa com música de Wagner, Chausson, Debussy e Scriabin. Mais tarde, na mesma temporada, regressou com a solista Waltraud Meier para dirigir Mahler, Webern e Rachmaninov.

Risto Nieminen, diretor da Gulbenkian Música, justificou a escolha realçando "a sua capacidade natural para fazer a música comunicar com o público" acrescentando que, logo durante a discussão do programa para o seu primeiro concerto, teve a clara percepção de que Lorenzo Viotti "é um músico que tem a ambição de tornar especial cada um dos seus concertos".

Aos 27 anos de idade, Lorenzo Viotti é cada vez mais solicitado para dirigir orquestras nos principais palcos da Europa e do mundo. Captou a atenção internacional ao vencer o Nestlé and Salzburg Festival Young Conductors Award, em 2015 e o Concurso Internacional de Dirección de la Orquesta de Cadaqués, em 2013. Em 2017, recebeu o International Opera Newcomer Award.

Dirigiu muitas orquestras de grande prestígio como a Orchestre National de France, a Bamberger Symphoniker, a Rotterdam Philharmonic, a Staatskapelle Dresden, a Münchner Philharmoniker, a Gustav Mahler Jugendorchester, a Royal Philharmonic Orchestra e a Mahler Chamber Orchestra. Trabalhou também em vários teatros de ópera, como o Théâtre du Châtelet em Paris, o La Fenice em Veneza, a Semperoper Dresden, ou a Opéra de Lyon.

(Entrevista com o maestro nas páginas seguintes)



LORENZO VIOTTI © MÁRCIA LESSA



Lorenzo Viotti em entrevista

“O horizonte de um maestro não pode ser só a música”

Porque decidiu tornar-se maestro?

Ser maestro era algo que eu sentia que queria fazer desde muito pequeno e tornou-se uma necessidade. Tive a sorte de crescer numa família onde a música e o amor pela vida estavam no centro de todas as coisas. Este cargo sempre me fascinou, tanto pela sua complexidade como pela humanidade porque os seres humanos são o instrumento do maestro. Um instrumento delicado e sempre diferente.

O seu pai (Marcello Viotti, 1954-2005) foi um maestro muito conhecido.

O meu pai foi um grande maestro, um grande homem e um pai maravilhoso. Essa foi, para mim, a mais bela das lições. Não guardo recordações dele como maestro pelo que julgo que não houve uma relação direta com a minha escolha. Sempre quis dirigir e acho que se nasce com esta coisa de gostar de estar perante um conjunto de pessoas e não ter dificuldade em partilhar o que se ama. Claro que há muitas coisas que é preciso aprender. Trabalhei muito para chegar à direção, estudei percussão, piano, canto. Foi um processo longo e que obviamente ainda não acabou. Ser maestro foi sempre o meu sonho, que persigo com seriedade, profissionalismo e respeito.

O que é para si ser maestro? Como define o perfil de um maestro ideal?

Não existe perfil ideal porque cada maestro é diferente. A questão principal para muitos é: para que serve um maestro? Há um lado muito prático num maestro, no sentido em que é um organizador, aquele que, de batuta na mão, põe um grupo de instrumentistas a tocar em conjunto. A grande responsabilidade de um maestro é desenvolver a arte da música clássica, fazendo-a chegar às gerações jovens que não têm grande interesse por ela, talvez por medo de não a compreender. Mas não é preciso compreender a música clássica, o que é preciso é senti-la. E é nossa responsabilidade fazer o público sentir a música de um modo natural. As pessoas veem no

palco artistas geralmente com alguma idade e com roupa formal, acham que é preciso também assumir essa formalidade. Mas não. Nós, músicos, somos pessoas completamente normais. Não há uma categoria de pessoas que pode gostar de música clássica. Toda a gente pode gostar.

O que lhe interessa para além da música?

Quando se está apaixonado por um ramo artístico está-se apaixonado por muitas outras coisas. O horizonte de um maestro não pode ser só a música, interesso-me também por arquitetura, pintura, literatura, psicologia, filosofia, enfim, pelo ser humano. Há tantas coisas extraordinárias para aprender que enriquecem a linguagem musical. Conhecer um compositor não é apenas conhecer a partitura, mas também conhecer o período em que viveu, é uma aprendizagem contínua. Faço também muito desporto, adoro *surf*, *snowboard*, *kitesurf*. Gosto muito de viajar, de descobrir, de perder-me na natureza. E, talvez o mais importante, adoro a minha família, viajar com ela, adoro surpreender a minha mãe com as minhas visitas, os meus amigos. Enfim, adoro a vida.

Porque escolheu Lisboa para o seu primeiro cargo de diretor musical?

A primeira vez que me apaixonei pela cidade foi por causa do *surf*. Vim de férias com a minha família e todos nos apaixonámos pelo charme da cidade, pelas pessoas, pelo mar aqui tão perto e que torna as pessoas naturalmente mais felizes. Apercebi-me então de que se tratava de um país extraordinário, com uma cultura maravilhosa e muito para oferecer. Depois voltei a Lisboa já para dirigir a Orquestra Gulbenkian, num programa especial composto por obras de Wagner, Chausson, Debussy e Scriabin. Impressionou-me o facto de ser uma Orquestra com uma grande vontade de fazer música, conseguindo transmitir emoção e paixão. Senti também o enorme potencial da formação, com muitos jovens com vontade de acompanhar mudanças. Isso dá-me prazer, porque existem muitas orquestras que se sentem



LORENZO VIOTTI © MÁRCIA LESSA

confortáveis nas suas tradições e aqui senti uma grande oportunidade para algo de especial acontecer.

Adorei também o Grande Auditório e a sua acústica, o Jardim e o Museu, que fazem, realmente, uma combinação muito especial. Outro fator que pesou na minha decisão foi o Coro Gulbenkian com o qual trabalhei num concerto com a Orquestra Juvenil Gustav Mahler e que atingiu um nível fantástico na sua *performance*.

E quanto ao público de Lisboa?

Depois de ter feito quatro concertos no Grande Auditório, apercebi-me de duas facetas do público: uma pouco ousada e outra capaz de, subitamente, se soltar, não no sentido de fazer uma ovação de pé, mas no sentido de reagir de uma forma autêntica à qualidade de um concerto. Por exemplo, quando acontece um silêncio de 30 segundos depois da última nota de uma obra, sabemos que o público se sentiu tocado. Foi o que se passou aqui no final da Sinfonia de Honegger (n.º3, *Litúrgica*, com a Orquestra Juvenil Gustav Mahler) que provou que o público sentiu a emoção que tentámos transmitir. Isso é uma grande qualidade num público e é algo que me toca muito.

Como define a relação entre Orquestra e maestro?

A Orquestra é o meu instrumento, sem ela não sou verdadeiramente nada, não posso fazer um concerto sozinho. Os músicos, pelo contrário, são mais do que eu porque podem tocar sozinhos. O que é maravilhoso é quando a Orquestra e o maestro se tornam um. Aí é... o amor.

Qual é o sentido da música?

A música fez parte da minha vida desde pequeno. Eu e os meus irmãos ouvíamos diariamente todo o tipo de música, pop, jazz, hiphop, rock, funk. Para mim, ouvir Schubert ou Schumann não é um modo de relaxar, mas uma necessidade real. Preciso de me banhar nessa atmosfera como se fosse um peixe e a água fosse a música. Daí também o meu impulso de subir ao palco e partilhar essa necessidade que trago dentro de mim. A música é uma linguagem universal sem limites e toda a gente pode sentir uma emoção ao ouvir Bach ou Mozart, assim como pode dançar salsa e sentir-se feliz. É, portanto, algo que pode aproximar as pessoas de diferentes culturas.

Almada no Museu Soares dos Reis

Depois do êxito da exposição José de Almada Negreiros. Uma maneira de ser moderno, apresentada este ano na Fundação Gulbenkian e visitada por mais de 135 mil pessoas, a Fundação Calouste Gulbenkian apresenta agora no Museu Soares dos Reis, em colaboração com esta instituição, uma mostra dedicada ao artista ímpar do modernismo português.

Intitulada *José de Almada Negreiros: Desenho em Movimento*, a exposição vai decorrer de **29 de novembro a 18 de março de 2018** e conta também com a curadoria de Mariana Pinto dos Santos. Serão reunidas nove dezenas de trabalhos, muitos deles exibidos na exposição da Fundação Gulbenkian, mas haverá também novidades e trabalhos inéditos descobertos recentemente, já depois do encerramento da exposição. A mostra, que será apresentada no Museu Soares dos Reis, propõe um olhar sobre o carácter gráfico e cinematográfico da linguagem artística da modernidade expresso na obra de Almada Negreiros e que persiste quer na pintura e desenho, quer na pintura mural, nos frisos em gesso, nos vitrais e nas tapeçarias que o artista fez em vários trabalhos por encomenda. A hibridez entre desenho e cinema está expressa também em alguns dos seus textos literários, poéticos

e ensaísticos, onde se notam intersecções plásticas e cinematográficas. A conjugação entre cinema e desenho surge inequivocamente na lanterna mágica *La Tragedia de Doña Ajada* (1929) e no filme desenhado *O Naufrágio da Ínsua* (1934), obras especificamente concebidas para apresentações públicas em ecrã de cinema, real ou imaginado, que estiveram em foco na Fundação Gulbenkian e que também serão apresentados nesta mostra. A iniciativa de apresentar Almada no Museu Soares dos Reis marca o início de um projeto de itinerância das obras de arte do Museu Calouste Gulbenkian para fora do espaço da Fundação, em Lisboa.



JOSÉ DE ALMADA NEGREIROS, BANHISTAS, PINTURA PARA O CAFÉ "A BRASILEIRA DO CHIADO", LISBOA, 1925

Do Outro Lado do Espelho

Grandes ou pequenos, esféricos ou planos, os espelhos são objetos extraordinários devido às suas inúmeras capacidades visuais e enquanto lugar de encontro entre o mundo real e o imaginário. Embora votados à reprodução fiel das aparências e a uma visão coerente do mundo, os espelhos nem sempre devolvem a imagem exata da realidade, transmitindo por vezes ambiguidade e fragmentação. É esta uma das razões do seu fascínio.

A exposição *Do Outro Lado do Espelho* pretende explorar o modo como a reflexão é tratada por diversos artistas que incluem os espelhos na estrutura narrativa das suas obras, de acordo com o efeito pretendido. Está organizada em cinco núcleos temáticos, num percurso marcadamente habitado por mulheres, que se inicia no “Espelho Identitário” (objeto imprescindível para que possamos ter uma representação mental, precisa e estável do nosso corpo e conseqüentemente do nosso eu) e termina no uso que dele fazem os homens, sobretudo como auxiliar dos seus autorretratos.

O título da mostra remete intencionalmente para o mundo de Alice Liddell, a heroína de Lewis Carroll (1832-1898), com o qual nos cruzamos ao longo da exposição. A aventura de Alice é de natureza identitária: ao atravessar o espelho, Alice desconstrói uma identidade que lhe foi imposta por outrem e constrói a sua própria, adquirindo independência e autonomia e percebendo a arbitrariedade das convenções sociais.

E, tal como Alice ao entrar na toca do coelho, espera-se que a visita a *Do Outro Lado do Espelho* seja uma experiência de divertimento e descoberta.



ASPETO DA EXPOSIÇÃO © CARLOS AZEVEDO

DO OUTRO LADO DO ESPELHO

Curadoria: Maria Rosa Figueiredo
com a colaboração de Leonor Nazaré

Museu Calouste Gulbenkian
Edifício Sede – Galeria Principal

Quarta a segunda, 10h-18h
Encerra às terças

Até 5 de fevereiro 2018

Ana Hatherly e o Barroco

Num jardim feito de tinta

A terceira exposição da série Conversas, programada pelo Museu Calouste Gulbenkian, propõe um diálogo singular entre obras barrocas dos séculos XVII e XVIII e o trabalho de Ana Hatherly, uma artista que marcou definitivamente a arte experimental do século XX e que foi, também, professora de literatura barroca. Paulo Pires do Vale, curador desta exposição, revela alguns focos de interesse de uma mostra que dá conta de diferentes variações da alma barroca, no tempo e no espaço.

O que podemos encontrar neste “jardim feito de tinta”?

Esta é uma exposição inspirada nos ensaios sobre o Barroco de Ana Hatherly, que foi artista plástica, escritora, poeta, realizadora e tradutora - mas também professora catedrática de literatura barroca. Numa inversão temporal de sabor seiscentista, mostramos não só a influência do Barroco na obra da artista, mas também como é que a obra de Ana Hatherly influencia o nosso olhar sobre o Barroco, como o reinventou. Deste modo, a exposição propõe uma reflexão sobre o tempo e a história: como é que um artista se relaciona com os seus antecessores? É uma exposição que rejeita a ideia de gavetas históricas estanques, testemunhando a profunda afinidade e familiaridade entre os experimentalistas do séc. XX, de que Ana Hatherly fazia parte, com os seus antecessores dos séculos XVII e XVIII. Nesse sentido, acompanhando o próprio movimento que Ana Hatherly demonstra nos seus estudos, dirigimo-nos à mundivisão barroca, ao seu modo próprio de ver e de se orientar, ou desorientar, no mundo. E dirigimo-nos às categorias éticas e estéticas, psicológicas e de pensamento, que caracterizam a cultura do Barroco, e de que modo encontram eco nos experimentalistas do

século XX, ou mesmo, ainda, em nós. Afinal, esta exposição olha para os séculos XVII e XVIII, e para a obra de Ana Hatherly ao longo da segunda metade do século XX, mas tendo como lugar de observação este presente que é o nosso: em 2017, como pode, esta exposição, ser para nós um espelho?

Como se estabelece o diálogo entre esses períodos?

O diálogo é afirmado logo no início da exposição, no átrio do Museu Gulbenkian – Coleção do Fundador, onde colocámos um desenho-escrita de Ana Hatherly de grande dimensão, ao lado de um livro barroco com um labirinto poético produzido por uma mulher no século XVIII. Esta “conversa” inicial constitui uma espécie de sumário do que o visitante vai encontrar: uma montagem que privilegia ligações entre tempos diferentes, dando a ver as óbvias diferenças das obras mas também o que as aproxima. Porque o barroco de que falamos não é o barroco formalista que ficou conotado com o excessivo e o superficial, mas sim a “alma barroca” que Ana Hatherly estudou. Vemos aqui obras de mulheres de duas épocas muito diferentes, que usam a linguagem, a escrita, de forma plástica, criativa e lúdica.



ENTRADA DA EXPOSIÇÃO © CARLOS AZEVEDO

No início da exposição, deparamos com um novo diálogo entre duas mulheres...

Na verdade, são três. Neste diálogo utilizo uma estratégia barroca, capaz de provocar surpresa logo à entrada. Assim, a exposição não começa com um texto explicativo, mas dirige-se aos sentidos, para atingir o coração dos visitantes. Para tal, colocamos uma rara escultura em *plexiglass* de Ana Hatherly, intitulada *Loom*, num jogo fonético com a palavra portuguesa *lume*, e cuja forma e cores se aproximam da estilização de uma chama, ao lado de uma pintura de Josefa d'Óbidos, *A transverberação de Santa Teresa de Ávila*. E aqui, então, as três mulheres: Ana, Josefa e Teresa. Esta obra de Josefa d'Óbidos — uma pintora que Ana Hatherly estudou e sobre a qual escreveu — tal como a escultura de Bernini que retrata o mesmo êxtase místico da Carmelita espanhola, considerada um exemplo paradigmático da arte barroca, retrata uma cena onde o prazer espiri-

tual e sensual se cruzam — como na retórica barroca: é preciso seduzir os sentidos, para tocar e incendiar o coração. Quer na arte, quer na literatura, quer na oratória, essa regra retórica é bem evidente. Nesse sentido, o fogo é um dos elementos do Barroco, tal como a suspensão, o voo, a presença dos anjos e a situação de levitação de Santa Teresa. Esta antecâmara da exposição é completada por uma série de três desenhos de Hatherly com referências temáticas e formais ao ambiente da pintura de Josefa: o anjo, o encontro, a salvação da alma. Este núcleo introdutório termina com dois textos de Ana Hatherly: num, fica indicado como a passagem do tempo vai alterando o sentido das coisas (o Tempo como factor de correção semântica); no outro, fica indicada a força subversiva da introdução do passado no presente, da descontinuidade, da libertação de sentidos que isso possibilita. Poderia ser um mote, não só deste núcleo, mas de toda a exposição.

E como organizou o percurso da exposição?

Após esta Introdução, intitulada "A tradição como inovação", a exposição está organizada em quatro núcleos que correspondem a quatro grandes temas da cultura barroca, sintetizados a partir dos ensaios da artista: o Labirinto e as suas dobras sobre dobras; o Tempo, e a consequente aposta paradoxal no Jogo e na Morte; a Alegoria, e a folia da interpretação que promove; e a Metamorfose entre pintura e poesia, entre desenho e escrita.

No primeiro núcleo retoma-se o tema do mundo como labirinto, como lugar onde é fácil nos perdermos, onde é necessário encontrar caminho – ou traçar o mapa. O labirinto é um *topos* psicológico e cultural, mais do que um lugar físico, como o labirinto do jardim de Versailles. Mostram-se vários exemplos de labirintos e mapas, quer nos desenhos de Ana, quer nos muitos e extraordinários textos visuais dos séculos XVII e XVIII que estudou e deu a conhecer – mostrando como não eram brincadeiras superficiais, mas jogos sérios, muitos deles criados em homenagem a pessoas ilustres e com propósitos mais profundos. A artista recolheu estes labirintos em várias bibliotecas do país – e muitos dos seus desenhos e textos têm que ver com este espírito: com a bifurcação dos caminhos, com o perder-se, com as dobras que tornam o labirinto múltiplo, como escreveu Gilles Deleuze – e Ana citou. Em toda a exposição, a presença de séries de obras realizadas pela artista revelam esse gosto pelo múltiplo, pela forma aberta, pelo nunca terminado, pelo labirinto. Ora, se o labirinto é o lugar do jogo, também é da morte e da perdição.

O que nos conduz ao segundo núcleo...

Exatamente, o Barroco é uma cultura que circula entre o lúdico e o luto, o jogo e a morte. A relação com o Tempo é fundamental e tem também uma dimensão psicológica: como lidamos com a nossa finitude? *Carpe diem* aproveita o dia, ou *Contemptus mundi*, afasta-te do mundo? Daí os temas que surgem neste núcleo, entre o lúdico, patente na pintura de Lancret, *Festa Galante*, ou na série de cartas de jogar que Ana obsessivamente desenhou, e a *Vanitas*, a reflexão sobre a vida passageira diante da morte e a destruição, bem clara nas fotos da performance *Rotura*. Este núcleo termina com uma série intitulada Paisagem Interior, um nocturno orgânico, em barroco claro-escuro. Neste núcleo apresentamos também pautas musicais de composições feitas por Ana Hatherly,

tematicamente relacionadas com este núcleo: um Nocturno, uma Marcha fúnebre e um Aleluia.

Segue-se o núcleo dedicado à alegoria.

Que é um recurso muito importante da retórica barroca: tudo é – ou pode ser – outra coisa. Tudo deve ser interpretado. Desvenda-se aí o poder simbólico do mundo, das coisas visíveis para chegar às invisíveis: elas são uma escada que vai da criatura ao criador. Daí a presença do quadro *O Sonho de Jacob* (vindo do Museu do Caramulo), com anjos a subir e a descer a escada sonhada. Para além de Ana Hatherly ter escrito que o poeta era como Jacob, que luta com o Anjo, interessou-se também pela interpretação dos sonhos, que anotava diariamente, e que publicou. Mas esse interesse pela interpretação alegórica revelou-se também no poder simbólico dos frutos, flores e animais – que Ana estudou para "ler" obras de Josefa de Óbidos, por exemplo. Uma fruta e uma flor não são apenas uma fruta e uma flor mas simbolizam sempre outra coisa, tal como os sonhos reenviam também para um significado, que não apenas o da chave freudiana. Na obra de Josefa d'Óbidos, exposta neste núcleo (*Agnus Dei*) não estamos a ver um cordeiro mas o Filho de Deus, o Cordeiro de Deus sacrificado. Ao incorporar um texto a pintura torna-se um emblema, algo fundamental no barroco. Ao lado de Josefa, a série da Romã, de Ana Hatherly, ganha, então, um outro sentido. Quer nessa série, da multiplicação incessante de uma imagem, quer na obra de Josefa que pinta uma moldura em redor do cordeiro, há também uma reflexão sobre a própria obra de arte: uma metalinguagem, a obra que se pensa a si mesma, algo também recorrente no barroco – que reencontramos em Cervantes ou Velásquez.

No quarto núcleo encontramos a razão de ser do subtítulo desta exposição.

Trata-se de um espaço dedicado à metamorfose, ao diálogo oblíquo entre a poesia e a pintura – título retirado de um ensaio da artista. No Barroco a literatura era muito visual e a poesia muito pictórica. O Barroco é a vitória da imagem, o imperialismo da imagem. O que é a escrita? A Ana Hatherly interessou muito estudar o carácter imagético da escrita, desde as escritas arcaicas, egípcias e orientais, até aos textos que se transformam em imagem do barroco e da poesia visual do século XX. Apresentamos, por exemplo, um diagrama que Ana Hatherly usou num Curso livre que leccionou no Ar.Co sobre a relação entre a imagem e a palavra ao longo da história. E isso revela-se tam-



ENTRADA DA COLEÇÃO DO FUNDADOR © CARLOS AZEVEDO

bém nos seus desenhos: metamorfose entre a escrita e a imagem. Este núcleo termina com um poema de Hatherly, que é a chave hermenêutica para compreender o sub-título desta exposição: "Ponte pensada / arquiteto do não-útil / por entre o cosmos e o caos/ o poeta olha o mundo / e reinventa-o / no seu jardim feito de tinta".

Na verdade, a exposição não acaba aqui, prossegue na galeria de arte islâmica do Museu onde colocámos neo-grafittis da artista, que dialogam com azulejos islâmicos caligrafados ou com lâmpadas de mesquita caligrafadas. No islão não se pode representar o divino, e em alguns casos nem mesmo o humano e os animais, por isso o texto passa a ser imagem por excelência. Apresentamos também nesse núcleo islâmico da coleção, um filme de Ana Hatherly realizado após a revolução de Abril, onde filma as paredes e muros de Lisboa, com os cartazes e murais políticos, as palavras de ordem e a importância da palavra no ambiente revolucionário. Num momento histórico que vivemos, no lugar de onde vieram estes azulejos e lâ-

padas, a Turquia e a Síria, após Primaveras auspiciosas, regressam Invernos incertos. Escutar e ver os ecos das palavras de ordem revolucionárias de 1974, neste contexto islâmico, é também uma provocação que a obra de arte permite ao ser recontextualizada. A introdução do passado no presente provoca, como escreveu Ana Hatherly, uma subversão. Abre um futuro ao passado, e pode fecundar o presente.

ANA HATHERLY E O BARROCO NUM JARDIM FEITO DE TINTA

Curadoria: Paulo Pires do Vale com
a colaboração de Nuno Vassallo e Silva

*Museu Calouste Gulbenkian
Coleção do Fundador e Galeria Inferior*

Até 15 de janeiro 2018

Exposição de um sonho

“É tudo o que imaginámos, e mais ainda”

Até dia 17 de dezembro, em Paris, continuam em exposição os sonhos de 12 artistas interpretados musicalmente, num projeto concebido por Mathieu Copeland a convite da Fundação Gulbenkian em França. O curador de L'Exposition d'un rêve conta, nesta breve entrevista por correio eletrónico, o que esteve na génese desta exposição sonora, ou “jardim metafísico”, como também lhe chama.

É um projeto expositivo apresentado em França, mas que remete de várias formas para Portugal. A música e os sons que agora emitem os 32 altifalantes instalados nas galerias da Fundação Gulbenkian em Paris foram gravados em Lisboa, no

Grande Auditório e no Anfiteatro ao Ar Livre da Fundação, com a contribuição de elementos do Coro Gulbenkian. E o volume que acompanha *L'Exposition d'un rêve* [A Exposição de um sonho] parece, à primeira vista, uma nova edição da coleção Textos Clássicos, um formato bem conhecido, sobretudo entre os estudantes universitários e os académicos portugueses, que já é uma imagem de marca da “instituição”. Mathieu Copeland explica como se estabeleceu este diálogo.

Como é que este projeto nasce em Lisboa, no Jardim Gulbenkian?

É difícil responder sem referir uma nota pessoal: apaixonei-me pelo Jardim Gulbenkian logo nas minhas primeiras visitas a Lisboa e, ao longo dos anos, tenho visto e ouvido arte excecional nesta paisagem gloriosa. A ideia de um anfiteatro ao ar livre em cimento sempre foi para mim a encarnação do espaço ideal. Assim, quando chegou o convite do Miguel Magalhães [diretor da Delegação em França da Fundação Gulbenkian] para fazer uma exposição, tornou-se logo evidente que essa exposição seria um “jardim metafísico”, uma arquitetura de som que teria de ser inteiramente gravada nos próprios jardins em Lisboa.



© MÁRCIA LESSA



FM EINHEIT EM GRAVAÇÕES NO JARDIM GULBENKIAN © MÁRCIA LESSA

Como construiu este projeto expositivo, sem obras de arte materiais?

Não estou de acordo quando se diz que não há obras de arte materiais em exposição. Temos simplesmente de redefinir o que é a materialidade das obras de arte! Com os sonhos, a sua interpretação, e as mandalas que dão forma aos sonhos no espaço, há de facto muita arte. Esta exposição é tudo o que imaginámos, e mais ainda. Seguiu o sonho que tínhamos, mas só depois da sua realização no espaço é que se tornou real: foi uma aposta que é ao mesmo tempo a concretização das nossas expectativas e a compreensão de que há muito mais a ganhar vida na delicadeza e nos detalhes destes sonhos implantados no espaço.

Como é que se relacionou com a conceção gráfica da coleção Textos Clássicos?

Foi uma grande honra entrar nesta coleção, e fazer desta publicação um “clássico instantâneo”! Ao colocar o livro em linha com os Textos Clássicos, a exposição usa deste modo a instituição, e a instituição por sua vez enforma a exposição.

Fez *L'Exposition d'un film* e agora *L'Exposition d'un rêve*. Há uma ligação?

Há ligações a vários níveis. Em primeiro lugar, a palavra “exposição” é o que une todas estas exposições, insistindo em questionar a possibilidade

de uma exposição. A um nível formal, a exposição de um filme foi antes de mais estruturada a partir da espacialização inerente ao cinema: uma polifonia de sons e imagens que colidem no espaço. E podemos dizer que *L'Exposition d'un rêve* podia ter-se chamado “polifonia”, uma polifonia de sonhos interpretados pelo músico FM Einheit [fundador da banda alemã Einstürzende Neubauten]. Em última instância, parece-me correto dizer que “polifonia” é o sinónimo perfeito da palavra “exposição”.

L'EXPOSITION D'UN RÊVE

Curadoria: Mathieu Copeland

Fundação Calouste Gulbenkian
– *Delegação em França*

Segunda, quarta, quinta e sexta, 9h – 18h
Sábado e domingo, 11h – 18h
Encerra às terças

Até 17 dezembro
Entrada livre

Colecionar o não colecionável

Raquel André tem 31 anos, é formada em Teatro e "coleccionadora de pessoas". A bolseira da Fundação Gulbenkian apresenta os seus projetos Colecção de Amantes e Colecção de Coleccionadores no Teatro Nacional D. Maria II, entre 2 e 22 de novembro.

Nascida em Lisboa, Raquel viveu mais de cinco anos no Rio de Janeiro, onde trabalhou junto de Bel Garcia (diretora e atriz brasileira) e acompanhou de perto Cesar Augusto, ator, diretor e programador do Galpão Gamboa. Em 2014, candidatou-se à Bolsa de Pesquisa da Fundação Calouste Gulbenkian e fez o mestrado na Universidade Federal do Rio de Janeiro, com uma dissertação sobre o Coleccionismo nas Artes Performativas – um tema que lhe interessava desde 2009, quando descobriu o seu interesse por colecionar. Aí começou o seu primeiro projeto original, *Colecção de Amantes*, em que procura captar uma ideia de intimidade com os estranhos que voluntariamente se encontram com ela. Além dos espetáculos que vão estar no Teatro Nacional, a *Colecção de Amantes* (vol. 1) será lançada em livro este mês, depois de ter estreado na RTP2, em outubro, em versão teleteatro. Fomos saber um pouco mais sobre esta artista-colecionadora do efémero.

Muitos dos seus projetos (*Colecção de Amantes*, *Colecção de Coleccionadores* e, futuramente, *Colecção de Artistas e Colecção de Espectadores*) partem de um ponto central comum: a coleção. De onde vem esta obsessão?

Começou em 2009, quando encontrei uma caixa de papelão com 650 cartas de correspondência, escritas à mão, de uma família nos anos 70, 80 e 90, entre Portugal e a Bolívia. Criei o meu primeiro trabalho a partir daquela coleção, comecei a pesquisar outros artistas das artes performativas que também trabalhavam com o coleccionismo, e isso começou a entusiasmar-me cada vez mais. Depois fui para o Brasil fazer o mestrado e pensei que seria interes-

sante começar uma coleção minha, em vez de pegar em coleções já existentes. Foi um pouco inconsciente, mas a *Colecção de Amantes* começou aí: marcar encontros com desconhecidos, e tirar pelo menos uma fotografia que comprove uma intimidade. Só depois perceber estes encontros, percebi que não podia parar. Qual era a força aqui? É colecionar o que não é colecionável, colecionar o encontro com alguém, porque na verdade o que colecionamos não é o objeto em si, mas a história que o objeto comporta, a memória, o que não se consegue guardar. Essa tensão foi o que achei mais interessante, também porque trabalho com teatro, uma linguagem artística altamente efémera: eu faço e acabou. Como é que se guarda isso? Foi o que me interessou, o auge do efémero, o auge da memória que não se pode guardar, e cheguei à intimidade, que é infinita porque é impossível de identificar, de um para um é sempre diferente. Então percebi que estava a fazer uma coleção infinita, e por aí foi.

O que é que as pessoas podem esperar dos espetáculos que vão ser apresentados no Teatro D. Maria II?

Vai ser um momento muito especial porque é a primeira vez que faço os dois espetáculos seguidos, e eles têm uma continuidade para mim. Na *Colecção de Amantes* trabalho com a fotografia, sobre a imensidão do encontro com alguém, sobre afeto, sobre as relações e as expectativas do outro. Na *Colecção de Coleccionadores* o dispositivo é o vídeo, peço que me contem a vida deles a partir dos objetos que guardam. Tem mais a ver com memória, o que é que guardamos, porque é que queremos que um objeto fique e outro não... Para mim todos somos coleciona-

dores, porque todos temos um grupo de objetos que contam a nossa história. O nosso guarda-roupa é um exemplo muito óbvio, começando no vestido que usámos no primeiro dia de trabalho naquele lugar importante, ou no casamento da nossa amiga, ou os sapatos que o nosso namorado nos deu e não nos servem porque ele se enganou no número... Todos os nossos objetos têm uma pequena narrativa que em conjunto contam a nossa história. Então acho que, mesmo para as pessoas que não têm relação nenhuma com o colecionismo, o espetáculo funciona porque se identificam.

Nos últimos anos tem apresentado o seu trabalho em vários países da União Europeia, assim como em Portugal e no Rio de Janeiro. Como tem sido essa experiência?

Eu adoro viajar e o projeto tem viajado bastante e vai continuar a viajar; o próprio projeto busca isso. Além da ponte óbvia entre Portugal e o Brasil que existe na minha vida e nos meus projetos, o Teatro Nacional, com a direção do Tiago Rodrigues, convidou-me para ser uma artista associada da APAP [Advancing Performing Arts Project, rede internacional], em que podemos circular enquanto coprodutores, em residências artísticas ou com venda de espetáculos por 11 países da União Europeia. Já estivemos na Bélgica, em Berlim, e no próximo ano vamos estar na Noruega, na Áustria... Viajar com este trabalho é mesmo enriquecedor, porque também estou a colecionar espectadores, guardo o encontro com o público em cada apresentação. E é incrível como, de repente, estou a colecionar pessoas na Amazônia ou em Manaus e a apresentar essas pessoas aqui em Lisboa, em Loulé, em Tomar, em Ovar... Esses lugares que parecem tão distantes acabam condensados nestas coleções. É uma coisa que eu procuro com os projetos, ir a mais cidades, tanto as grandes como os lugares mais pequenos.

E sente-se bem recebida, mesmo nas aldeias mais pequenas?

Sim! É o primeiro projeto que eu faço em que no fim de todos os espetáculos as pessoas vêm ter connosco, choram, choram, dão-nos abraços, mandam-me cartas... É muito forte. As pessoas envolvem-se muito, e isso é muito bonito e surpreendente, ver como um espetáculo artístico ainda toca as pessoas dessa forma. Claro que aqui trabalhamos com uma linguagem que não é do teatro convencional,



RAQUEL ANDRÉ © MÁRCIA LESSA

não tem personagens, é um teatro documental em que há um espelhamento muito direto, mas ainda assim é muito potente.

Em que medida é que a bolsa impulsionou o seu trabalho, em Portugal e no estrangeiro?

A Gulbenkian foi fundamental, e é, em todo o meu percurso. Os meus primeiros projetos foram apoiados pela Gulbenkian e, se não fosse a bolsa, teria sido muito difícil fazer o mestrado, que me deu dois anos de qualidade para conseguir direccionar-me só para o meu trabalho, a um oceano de distância. Foi daí que surgiu o primeiro projeto *Colecção de Amantes*, que é uma reviravolta no meu percurso, depois a *Colecção de Coleccionadores*, e de repente já tenho quatro projetos. Acho que há um ponto sem retorno: ganhei a bolsa, parei de trabalhar e o meu trabalho artístico explodiu. A possibilidade de termos ido este ano apresentar em Niterói e em Manaus, com a Bolsa da Gulbenkian no Apoio à Internacionalização, e o quanto isso enriqueceu o projeto e a nossa experiência enquanto pessoas e artistas, também foi mesmo muito importante.

Novas Perspetivas para a Inovação Social

Uma das prioridades estratégicas da Fundação Calouste Gulbenkian vai ser o tema da grande conferência que, a 27 e 28 deste mês, reúne empreendedores sociais, representantes da sociedade civil, decisores regionais e nacionais, filantropos, investidores de capital de risco e business angels. Uma organização conjunta da Comissão Europeia, Governo português e Fundação Calouste Gulbenkian para discutir o futuro da inovação social na Europa.

Carlos Moedas, comissário europeu para a Investigação, Ciência e Inovação, Marianne Thyssen, comissária europeia para o Emprego, Assuntos Sociais, Competências e Mobilidade Laboral, Maria Manuel Leitão Marques, ministra da Presidência e da Modernização Administrativa de Portugal, e Isabel Mota, presidente da Fundação Calouste Gulbenkian, são as figuras de proa no encontro internacional que, a 27 e 28 de novembro, pretende impulsionar a inovação social na Europa como uma forma eficiente e eficaz de promover políticas públicas inclusivas e criadoras de riqueza.

A conferência *Novas Perspetivas para a Inovação Social* permitirá fazer um balanço da inovação social hoje, analisar novas tendências nesta área, identificar oportunidades futuras, em termos não só de bem-estar social, mas também de crescimento, emprego e oportunidade de negócios para a Europa, promover a criação de redes entre inovadores, empresários e outros criadores de valor, avaliar o papel da inovação social na próxima geração de políticas públicas e analisar os vários instrumentos de financiamento disponíveis.

Em paralelo com o programa principal, em que participam empreendedores sociais, representantes da sociedade civil, decisores regionais e nacionais, filantropos, investidores de capital de risco e *business angels*, entre outros especialistas, decorrerá uma apresentação de projetos e iniciativas na área da inovação social com oficinas práticas. Na abertura do evento, no dia 27, vai ainda ser lançado o primeiro Prémio de Inovação Social do Horizonte 2020, no valor de dois milhões de euros, centrado nas soluções mais adequadas para Melhorar a Mobilidade de Pessoas Seniores.



Novas e melhores respostas

A criação das Bibliotecas Itinerantes da Fundação Calouste Gulbenkian, no final dos anos 50, é um exemplo paradigmático de inovação social, mesmo quando ainda não havia um nome para o conceito. Foi um projeto altamente disruptivo no momento do seu lançamento, que vinha responder a necessidades básicas de Educação, promovendo a leitura.

A inovação é normalmente percecionada em associação com a ciência e com a tecnologia, áreas em que o impacto da inovação se reflete no desenvolvimento de novas tecnologias, produtos e serviços muito valorizados nas sociedades contemporâneas. Contudo, a inovação também acontece no domínio social. Projetos que, no seu arranque, foram vistos como utópicos são hoje um dado adquirido devido ao seu impacto na melhoria da qualidade de vida das pessoas.

Mas o que é, afinal, “inovação social”? Hoje, e desde sempre, a inovação social acontece quando se encontra uma nova e melhor resposta para uma determinada necessidade social não satisfeita. A sua recente conceptualização veio apenas reconhecer a importância de apoiar e promover esta abordagem na resolução de desafios sociais. Pela sua capacidade de assumir riscos e de mobilizar recursos, a Fundação Calouste Gulbenkian sempre foi um espaço privilegiado para promover a inovação social e essa tem sido assumida como uma das suas prioridades estratégicas.

Orquestra Geração, Fruta Feia, Academia de Código e Ópera na Prisão são alguns dos projetos mais emblemáticos que a Fundação já apoiou. Explorar o papel da tecnologia na resolução de problemas sociais (ex. Hack for Good), promover o papel das artes nos processos de inclusão (ex. programa PARTIS), atrair talento e promover novas lideranças no sector social, e ainda testar novas formas de financiamento (ex. Laboratório de Investimento Social) são neste momento as prioridades da Fundação, que apoia os projetos na sua fase piloto e no desenvolvimento inicial das iniciativas, para depois promover a sua sustentabilidade e escala, e influenciar políticas públicas.

Prémio Branquinho da Fonseca

Este ano, na sua 9.^a edição, o Prémio Branquinho da Fonseca foi atribuído a Fábio Monteiro, na modalidade infantil, com a obra *A construção do mundo*, e a Inês Barata Raposo com *Coisas que Acontecem*, na modalidade juvenil. Fábio Monteiro tem 28 anos, é jornalista e, em 2015, ganhou o Prémio Gazeta Revelação pela série de reportagens *Pendurados num sonho*. Inês Barata Raposo, de 26 anos, é especialista em Comunicação e Marketing, com formação em Jornalismo e Edição de Texto.

Além da atribuição do prémio aos dois vencedores, o Júri deliberou ainda distinguir com uma menção especial o original *Carta ao Cavaleiro de Nada*, da autoria de João Marecos, incluído na modalidade juvenil.

O Prémio Branquinho da Fonseca, iniciativa conjunta da Fundação Calouste Gulbenkian e do jornal *Expresso*, cuja primeira edição data de 2001, tem como objetivo incentivar o aparecimento de jovens escritores (entre os 15 e os 30 anos) de literatura infantil e juvenil. O Júri é constituído por Ana Maria Magalhães, Rita Taborda Duarte, José António Gomes, António Loja Neves (representante do jornal *Expresso*) e Maria Helena Melim Borges (representante da Fundação).

ECHO promove jovens músicos com apoio da Europa Criativa

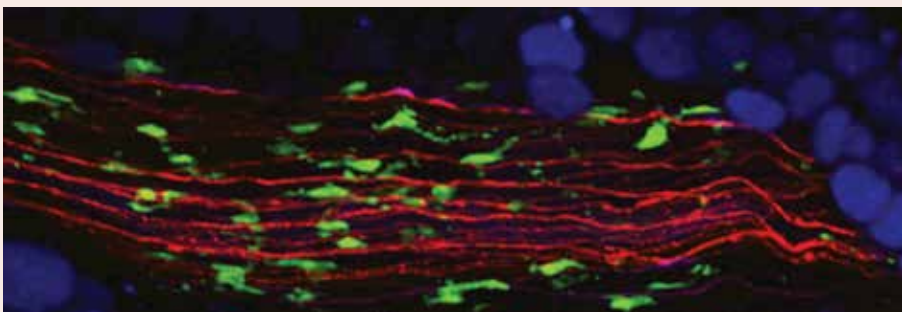
A Fundação Calouste Gulbenkian vai participar num projeto integrado na Rede Europeia de Salas de Concerto (ECHO), na componente Apoio a Plataformas Europeias, recentemente objeto de um financiamento do programa Europa Criativa. O projeto terá a duração de quatro anos e vai traduzir-se na realização de recitais de música de câmara com jovens artistas internacionais, numa linha semelhante ao que a Fundação já vem fazendo através do programa *Rising Stars*, no âmbito do qual várias estrelas em ascensão foram já apresentadas ao público. Para além dos concertos será dada a estes jovens uma formação específica, que passa também por novas abordagens da música clássica, de modo a permitir um maior envolvimento dos públicos.

A Fundação Calouste Gulbenkian é, desde 2012, membro ativo da ECHO, rede que integra algumas das mais importantes salas de concerto europeias. Esta rede foi criada com o objetivo de promover

a permuta de experiência, a reflexão de temas relevantes no domínio da programação musical e no desenvolvimento de públicos e a criação de projetos conjuntos entre os seus membros. O projeto promove a criação musical contemporânea por meio de apresentação de repertório dos nossos dias por agrupamentos de referência nas diversas salas de concerto da rede e desenvolver grupos de trabalho com especialistas para a reflexão e aprofundamento de temas como a inclusão e educação de públicos.

Participa neste projeto, para além da Fundação Calouste Gulbenkian, um conjunto de instituições muito relevantes no contexto europeu: Wiener Konzerthaus, Elbphilharmonie Hamburg, Műpa Budapest, Stockholms Konserthus, Bozar, Het Concertgebouw, Barbican Center, Philharmonie Luxembourg, L'Auditori, Cité de la Musique, Polish National Forum of Music e Czech Philharmonic.

Células imunes controlam neurónios responsáveis pela perda de gordura



NEURÓNIOS © ROKSANA PIRZGALSKA, IGC

Num estudo publicado na revista *Nature Medicine*, um grupo de investigação liderado por Ana Domingos, do Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC), descobriu uma nova população de células imunes associada a neurónios que têm um papel direto na obesidade. Essas células são macrófagos, um tipo de glóbulos brancos responsável por respostas inflamatórias no corpo.

O grupo de investigação de Ana Domingos havia descoberto anteriormente que o tecido adiposo é innervado por neurónios ditos "simpáticos", que libertam norepinefrina, um neurotransmissor que induz a redução de massa gorda. Agora, os resultados da equipa do IGC mostram que estes neurónios estão em contacto com um tipo particular de macrófagos, que denominaram de SAM (macrófagos associados a neurónios simpáticos – do inglês *sympathetic neuron-associated macrophages*). Os investigadores mostraram que estes macrófagos especializados perturbam a ativação neuronal do tecido adiposo, a qual é crítica para a redução da massa gorda. Os resultados da equipa revelaram que os SAM eliminam a norepinefrina e que ratos obesos tinham na gordura muitos mais destes macrófagos ligados aos neurónios simpáticos do que os ratos normais. Isto significa que os macrófagos SAM contribuem para a obesidade por diminuírem os níveis de norepinefrina na gordura, prevenindo assim a sua subsequente redução.

A equipa de investigação conseguiu ainda identificar em ratos que o mecanismo de eliminação da norepinefrina envolve o transportador deste neurotransmissor (a proteína Slc6a2). Este transportador está presente nos macrófagos SAM e em nenhum outro tipo de células imunes, e existe também em humanos. "O papel do transportador da norepinefrina nos macrófagos SAM oferece uma nova abordagem terapêutica, direcionada a estas células, e que poderá superar os efeitos secundários nocivos de vários medicamentos conhecidos que bloqueiam este alvo molecular", diz Ana Domingos. Esta descoberta abre portas para o desenvolvimento de novas terapias antiobesidade.

Stop Infeção Hospitalar!

Um exemplo mundial de boas práticas

O Desafio Stop Infeção Hospitalar!, projeto da Fundação Gulbenkian em parceria com o Institute for Healthcare Improvement, tem vindo a ser apontado como um exemplo de sucesso entre as intervenções mundiais para a melhoria da qualidade dos sistemas de saúde e segurança do paciente. Prova disso é o facto de ter sido selecionado entre projetos de 60 países para figurar no volume *Health Systems Improvement across the Globe* que reúne estudos de casos de sucesso em todo o mundo.

Numa área crucial no âmbito da saúde pública, responsável por uma alta taxa de mortalidade, morbidade e custos financeiros evitáveis, este projeto utiliza uma metodologia inovadora, assente numa aprendizagem colaborativa que envolve profissionais

de saúde e de gestão hospitalar, mobilizando lideranças locais para desenvolver as melhores práticas.

O Stop Infeção Hospitalar! tem como objetivo reduzir para metade a incidência de infeções em 19 unidades hospitalares nacionais, num período de três anos. Desde que foi implementado a incidência de infeções tem vindo a decrescer.

Em outubro passado realizou-se o primeiro de dois *workshops* que integram o curso Ciência da Melhoria na Prática, dirigido a membros das equipas de liderança locais no Stop Infeção Hospitalar!, que irão assumir a iniciativa de alargar o projeto dentro das suas unidades hospitalares e também ajudar a implementá-lo nos demais hospitais do Serviço Nacional de Saúde.

A Ciência é o teu futuro?



IGC © D.R.

A iniciar a Semana da Ciência e Tecnologia 2017, no **dia 20** deste mês, o Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC) abre as portas exclusivamente a estudantes universitários. Das 10h às 17h, os alunos poderão assistir a palestras sobre as várias áreas de investigação do IGC, visitar os laboratórios, participar em mesas-redondas e fazer *speed-dating* com cientistas. Haverá espaço para esclarecer dúvidas, fazer perguntas e conhecer melhor o IGC, a ciência que se faz no Instituto, as plataformas tecnológicas e as oportunidades de formação. Todas as atividades são gratuitas, mas as inscrições são limitadas.

Programa em: www.pt.igc.gulbenkian.pt/outreach/public

Consórcio europeu aposta na biotecnologia verde



PHYSCO SPOROPHYTE © ANN-CATHRIN LINDNER, IGC

O IGC participa no novo consórcio europeu que junta universidades, centros de investigação e empresas com o objetivo de encontrar novas soluções para biotecnologia verde. O MossTech será financiado em 1,56 milhões de euros nos próximos quatro anos pela Comissão Europeia (programa Marie Curie Innovative Training Networks), dos quais o IGC receberá 238 mil euros.

A ideia na base do MossTech é explorar genes e mecanismos bioquímicos em musgos para desenvolver novas ferramentas biotecnológicas. Estas plantas terrestres têm um elevado potencial para biotecnologia uma vez que crescem muito rapidamente e conseguem produzir diferentes tipos de químicos, os quais podem ser usados na produção de medicamentos, fragrâncias, etc. O consórcio MossTech irá formar seis jovens candidatos a doutoramento, oferecendo-lhes a oportunidade de trabalhar tanto num centro de investigação como numa empresa. No IGC, o grupo de Genómica das Plantas, liderado por Jörg Becker, receberá durante vários meses um estudante de doutoramento, que continuará mais tarde os seus estudos numa empresa na Dinamarca, onde aplicará o conhecimento adquirido no desenvolvimento de um produto biotecnológico.

Para mais informações sobre o consórcio visite: mosstech.eu

O valor dos Oceanos

A Iniciativa Gulbenkian Oceanos, um programa da Fundação que promoveu nos últimos cinco anos o estudo do valor económico dos benefícios que obtemos do mar, apresentou os principais resultados e o impacto alcançado com o seu trabalho na conferência “O Valor dos Oceanos”.

Num inquérito realizado junto de cerca de 200 empresas ligadas ao meio marinho, 80 por cento considerou “urgente” tomar medidas para proteger e conservar o “capital natural”, que mais não é do que o *stock* dos recursos naturais. Mas apenas 30 por cento dessas empresas estavam a considerar tomar estas medidas no curto prazo, revela um dos vários estudos desenvolvidos pela Iniciativa Gulbenkian Oceanos (2013-2017) que promoveu a sensibilização e capacitação junto do sector empresarial para a tomada de decisões mais sustentáveis.

No final de outubro, na conferência onde foi apresentado de forma resumida um trabalho de cinco anos com uma comunidade alargada, falou-se da importância de traduzir o conhecimento produzido por investigadores e o papel que as fundações e as ONG podem ter nesta mediação com os cidadãos, explicando de forma clara os problemas fundamentais – porque se não soubermos o valor daquilo que os oceanos nos dão, também não saberemos o valor do que nos poderão continuar a dar no futuro se os conservarmos, nem tão-pouco quanto estaremos



a perder se os degradarmos ou até destruírmos. “Os cientistas não estão habituados a falar com a sociedade, mas têm de aprender a fazê-lo se também querem valorizar o seu trabalho”, afirmou-se num dos painéis de discussão onde foi ainda sublinhada a necessidade de promover mais investigação interdisciplinar que possa contribuir para melhores políticas marinhas em Portugal.

O impacto económico das ondas gigantes da Nazaré, que mostra como uma campanha mediática foi capaz de reverter a tendência negativa do turismo, a viabilidade económica das ener-

gias renováveis marinhas, e o impacto ambiental negativo da pesca de arrasto de fundo em Portugal, uma atividade que se comprova agora beneficiar de subsídios desproporcionados face ao valor que gera para a economia, foram outros temas que concentraram os recursos da Iniciativa Oceanos. Os resultados estão agora explicados nos “policy briefs” – sínteses sobre problemas específicos com recomendações para a definição de políticas dirigidas a decisores e outros interessados. Estão disponíveis online para consulta em gulbenkian.pt/iniciativas/gulbenkian-oceanos/.

Aprender com a Arte e a Tecnologia

No dia 23 de outubro falou-se de “Inovação na Escola e pela Escola” na Conferência Internacional de Educação, que encheu o Auditório 2 da Fundação Calouste Gulbenkian e juntou oradores e especialistas nacionais e internacionais, com destaque para as intervenções de Linda Nathan (Boston) e Vijay Kumar (MIT).

No seu discurso de abertura, o ministro Tiago Brandão Rodrigues lembrou que “a Educação é a ‘mãe de todas as políticas’” e defendeu a necessidade cada vez mais premente de criar “uma escola-alfaiate”, à medida de todos e compatível com o mundo real. Por seu lado, a presidente da Fundação Gulbenkian destacou a necessidade de uma abordagem inovadora para os problemas presentes. Isabel Mota falou dos novos projetos da fundação como o Programa Gulbenkian Conhecimento cujo mote é “qualificar para o futuro e investir nas pessoas para a mudança”. Este Programa marca também um novo ciclo de intervenção com novos modelos de atuação.

Com foco em duas áreas essenciais, a Educação Artística e as Ciências e Tecnologias, a conferência prosseguiu com a diretora do Institute for Creative Educational Leadership (ICEL) da Universidade de Boston, Linda Nathan, que usou o exemplo americano para demonstrar como a escola ainda não se adaptou às novas descobertas sobre o ensino; nomeadamente, que o “aprender a fazer” é mais eficaz do que a memorização ou o “regurgitar de informação”, e que as artes, a imaginação e a criatividade nos permitem desenvolver competências tão essenciais como as que se aprendem com o Inglês ou a Matemática, especialmente quando trabalhadas desde cedo. Através de exemplos e testemunhos, Linda Nathan procurou mostrar o poder da arte para formar estudantes e trabalhadores mais empáticos, flexíveis, conscientes e abertos, defendendo a renovação das escolas e do ensino neste sentido. Também Maria Helena Rodrigues, Ana Pereira Caldas e Manuela Encarnação debateram o tema das Artes na Educação, com a moderação do comissário da conferência, Manuel Carmelo Rosa.



LINDA NATHAN © MÁRCIA LESSA

O ensino das ciências e o impacto das novas tecnologias foram os temas debatidos por Manuel Sobrinho Simões, Arlindo Oliveira, Mário Figueiredo e António Costa Silva, seguidos pela intervenção do subdiretor do Digital Learning do MIT, Vijay Kumar. Vijay defendeu o uso das tecnologias e da “aprendizagem digital” para inovar o modelo educativo, usando vários exemplos e projetos postos em prática no MIT – como o MIT OpenCourseWare ou o Laboratório J-WEL, de que é diretor –, que procuram criar uma relação cada vez mais equilibrada entre o acesso, o custo e a qualidade da informação e educação que chega a todos, apostando na *active learning* (aprendizagem ativa), nos cursos profissionalizantes abertos *online*, e na pesquisa e formulação de novas perguntas que permitam decifrar e melhorar esta “ciência da aprendizagem” em constante progresso.

Ambientes

por Márcia Lessa

*Teseu está pronto a combater o Monstro
apesar da dor de sua mãe que o vê partir.
Uma das cenas da ópera multimídia
O Monstro no Labirinto que esgotou
o Grande Auditório durante três noites.
Uma alegoria a lembrar o drama dos
refugiados que atravessam o Mediterrâneo
em busca de uma vida melhor.*





GULBENKIAN.PT

Av. de Berna, 45A, 1067-001 Lisboa